

## Estudo sobre Huka-huka: uma luta de matriz indígena brasileira

*Study on Huka-huka: a fight of Brazilian indigenous matrix*

Francisco Luís Auricélio Valente<sup>1</sup>, Jean Carlos de Gouveia<sup>2</sup>, Guilherme Moreira Caetano Pinto<sup>1</sup>, Leandro Martinez Vargas<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Ponta Grossa, Brasil

<sup>2</sup> Centro Universitário Internacional (Uninter), Jaguariaíva, Brasil

### HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 15 dezembro 2021

Revisado: 06 maio 2021

Aprovado: 06 maio 2021

### PALAVRAS-CHAVE:

Huka-huka; Artes marciais; Luta.

### KEYWORDS:

Huka-huka; Martial arts; Fight.

### PUBLICADO:

06 junho 2022

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** O Brasil possui suas artes marciais típicas, tanto de matriz indígena como de matriz africana. A Huka-huka é uma luta predominante indígena e apresenta escassa informação científica e documental disponíveis, que relatem suas características.

**OBJETIVO:** Identificar os aspectos históricos culturais, sociais, a organização, as regras e as técnicas da luta Huka-huka.

**MÉTODOS:** Trata-se de uma revisão de literatura e, para tal, as informações foram levantadas em documentos oficiais, bem como em artigos publicados em periódicos indexados nas bases de dados Scopus, Scielo, Science Direct, Google Acadêmico. Foram analisados todos os artigos publicados até o segundo semestre de 2021, em língua portuguesa ou inglesa.

**RESULTADOS:** [a] O nome Huka-huka faz alusão ao som dos lutadores imitando os esturros da onça; [b] A luta Huka-huka envolve uma cerimônia religiosa, e sua prática envolve preceitos considerados relevantes para a formação pessoal de jovens indígenas do sexo masculino e feminino; [c] A luta se inicia com o lutador anfitrião escolhendo o seu oponente, que fica de pé quando este se aproxima. Os dois começam a girar em círculos se aproximando fazendo o barulho de onça. Vence a luta quem derrubar o oponente de decúbito dorsal ou ventral, ou levantá-lo totalmente do chão, ou um dos guerreiros manifestar desistência, ou quando segura atrás de um ou dos dois joelhos do oponente 3 e 5 segundos, ou quando dominar as costas do oponente, por cima, fazendo com que este fique com as mãos e os joelhos no chão.

**CONCLUSÃO:** Os achados no presente estudo indicam que a HH tem alto índice de participação e envolvimento da comunidade indígena, e pode ser compreendida como um espetáculo, contudo, a arte HH precisa de mais reconhecimento pela sociedade educacional e científica.

### ABSTRACT

**BACKGROUND:** Brazil has its typical martial arts, both indigenous and African. Huka-huka is a predominantly indigenous struggle and has little scientific information available, with very few documents reporting its characteristics.

**OBJECTIVE:** The aim of this research is to document the cultural historical aspects of the Huka-huka struggle, describing its history, exploring the cultural and social aspects that involve it and presenting the organization, rules and techniques.

**METHODS:** As literature review research, the data collection came from the literature and official documents through the database Scopus, Scielo, Science Direct, Academic Google. The keywords "Fight" AND "Huka-kuka" and "Fight" AND "Huka-kuka" were selected. Articles published the second half of 2021, in Portuguese or English, were considered.

**RESULTS:** [a] The name Huka-huka alludes to the sound of fighters imitating the jaguar's roars; [b] The Huka-huka struggle involves a religious ceremony, and its practice involves precepts considered relevant to the personal formation of male and female indigenous youth; [c] The fight begins with the host fighter choosing his opponent, who stands upright as he approaches. The two begin to turn in circles approaching making the noise of a jaguar. The fight wins whoever drops the opponent from the supine or prone position, or lifts him completely off the ground, or one of the warriors gives up, or when held behind one or both of the opponent's knees for 3 and 5 seconds, or when he dominates the back of the opponent, from above, making the latter stay with the hands and knees on the floor.

**CONCLUSION:** The findings in this study indicate that HH has a high level of participation and involvement of the indigenous community, and can be understood as a spectacle, however, HH art needs more recognition by educational and scientific society.

## INTRODUÇÃO

A área do conhecimento da Educação Física caracteriza-se por ser complexa, com objeto de estudo de natureza multi/interdisciplinar e formações nas áreas de licenciatura e bacharelado (FURTADO; NAMAN, 2014; PAIXÃO, CUSTÓDIO; BARROSO, 2014). Em âmbito escolar, os professores de Educação Física estimulam o indivíduo a ampliar sua compreensão geral sobre o corpo e se movimentarem melhor através de distintas atividades que compõe a cultura do movimento (KUNZ, 2014). Dentre tais práticas tem-se o universo das lutas e das artes marciais.

O objetivo primário das lutas é a realização de golpes e movimentos que permitam um indivíduo vencer outro numa disputa corpo a corpo, respeitando-se regras simples de combate, como por exemplo: o Cabo de Guerra, Boxe e *Full-Contact*. Já as artes marciais vão além da prática de golpes, englobando também o aprimoramento do corpo, a evolução da mente, aprendizados filosóficos e, em muitos casos, a pregação religiosa e o treinamento militar. Tanto as lutas como as artes marciais contemplam diferentes estilos e possuem características que englobam técnicas, história e cultura próprias, capazes de aprimorar os aspectos cognitivos, afetivos e psicomotores dos alunos (NUNES, 2013).

Muitos estilos de luta e artes marciais que emergiram de diferentes partes do mundo ficaram conhecidos através do cinema e competições esportivas. As práticas asiáticas Kung-Fu e Karatê ganharam destaque nos filmes de "Bruce Lee" e "Karatê Kid", respectivamente. Por sua vez, o Judô ganhou visibilidade devido a constante participação nos jogos olímpicos, e o Jiu-Jitsu ficou conhecido por meio das apresentações no evento americano *Ultimate Fighting Championship - UFC* (RIBEIRO, 2016).

O Brasil também possui suas artes marciais típicas. Uma das que detém maior destaque é a Capoeira, que apresenta matriz Africana. Entre as menos conhecidas têm-se as práticas de matriz indígena, tais como Aipenkuít e Idjissuí, bem como a Huka-huka, objeto do presente estudo. As lutas dos povos indígenas brasileiros apresentam escassa informação científica e documental disponíveis, que relatem suas características. Ademais, destaca-se que o pouco material disponível explora o tema de forma distorcida ou por analogia a outras lutas (MONTEIRO, 2018).

É prudente mencionar ainda que as lutas fazem parte das unidades temáticas contempladas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos Currículos das Redes Estaduais, devendo ser exploradas de forma a englobar não só a parte prática, mas também os aspectos históricos e culturais. Ademais, a literatura reporta que os professores de Educação Física entendem que as lutas são um conteúdo relevante dentro da escola, especialmente por propiciar o aprendizado da disciplina e de valores sociais (SANTOS; BRANDÃO, 2018), mas apontam entre as dificuldades para trabalhar com este conteúdo a insegurança em ministrar algo que não dominam (BOEHL; LIMA; FONSECA, 2018).

A consecução deste intento tem potencial para possibilitar aos professores de Educação Física e comunidade científica uma fonte de informação sobre este estilo de luta nacional indígena, para subsidiar futuras aplicações teóricas e práticas.

## MÉTODOS

O presente trabalho caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, a partir de material publicado sobre a luta de matriz indígena Huka-huka. O levantamento de dados constituiu-se de artigos científicos, dissertações, teses, documentos oficiais, entre outras fontes de manuscritos. Todos os pesquisadores participaram do processo de elaboração e análise desta investigação. E, o delineamento metodológico percorreu três etapas, as quais serão descritas a seguir.

No primeiro momento, foi realizado um levantamento específico das informações nas bases de dados: Scopus, Science Direct, Scielo, Google Scholar, Lilacs, Pubmed, Web of Science. Foram padronizados os itens de busca: 1) Utilizar descritores nos campos de pesquisa, os quais foram inseridos separadamente as palavras em português "Luta" AND "Huka-huka", e em inglês as palavras "Fight" AND "Huka-huka"; 2) Artigos de acesso livre e gratuitos; 3) Periódicos e documentos oficiais, publicados até o segundo semestre de 2021.

O fluxograma abaixo apresenta os manuscritos selecionados para o presente estudo de acordo com cada base de dados.

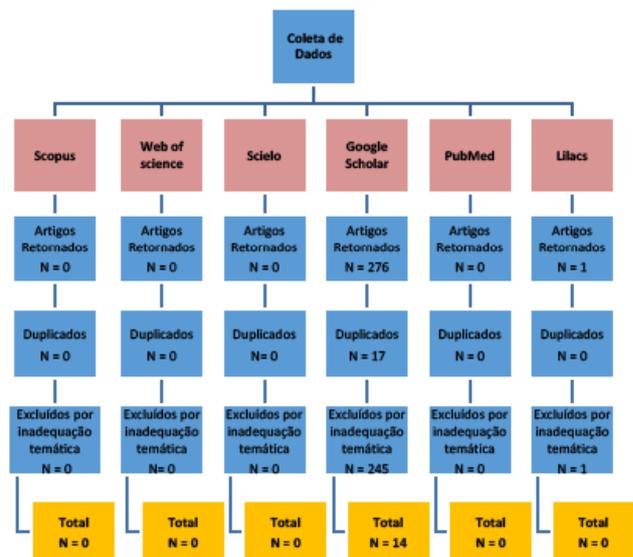


Figura 1. Fluxograma do processo de seleção das publicações pesquisadas.

Fonte: Dados da Pesquisa (2021).

Na segunda etapa, ocorreu a seleção dos trabalhos através da leitura de todos os títulos e resumos. Quando a redação do resumo não apresentou informações relevantes para inclusão, realizou-se a leitura na íntegra. A partir das averiguações, todas as produções encontradas que tinham no corpo do texto proximidade com a temática pesquisada foram consideradas para análise. Feito isso, realizou-se a exclusão dos manuscritos duplicados e inadequados com a temática.

Conforme descrito na Figura 1, foram encontrados 277 documentos que apresentavam os descritores estipulados

para busca. Muitas publicações apresentavam a palavra “Huka-huka” ou “Luta”, apenas mencionadas na redação do corpo do texto, sem aprofundamento teórico com o objeto do estudo. Desta forma, foram excluídas 246 produções. Após, realizar esse filtro, encontramos 14 publicações que tinham correspondência com as linhas de investigação delimitadas para as discussões e enfoque desta pesquisa.

Vale ressaltar que, houve a necessidade de buscar outras publicações para enriquecer o referencial teórico. Os investigadores realizaram um levantamento de textos e documentos acadêmicos disponibilizados na internet de forma exploratória. Esse procedimento foi feito sem utilizar os descritores mencionados e resultou no achado de 19 trabalhos que foram utilizados nas discussões dos resultados, sobretudo, nos assuntos que envolviam questões sociodemográficas, rituais religiosos e costumes indígenas.

Por fim, após a coleta de dados, as produções encontradas foram planejadas no software Microsoft Excel 2012, no qual também foi efetuado um fichamento das informações levantadas acerca de cada um dos indicadores descritos. Os pesquisadores dividiram as informações levantadas em dois grandes eixos, sendo eles: 1) Origem, história, aspectos culturais e sociais da Huka-Huka; 2) Organização, regras, vestimentas e golpes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por todo o mundo, existem milhares de praticantes de artes marciais, sendo que determinadas regiões possuem lutas próprias, de matriz nacional. No Brasil, devido à ocorrência das imigrações ocorridas a partir do final do século XIX, parte significativa das artes marciais praticadas por aqui foram introduzidas através de povos estrangeiros. Neste contexto, os japoneses trouxeram o judô, karatê, sumô e kendô; os chineses o *kung-fu* e seus diversos estilos; os franceses trouxeram o *savate*; os ingleses o *boxe*; e os israelenses com o *krav-maga* (SOUSA, 2012).

No que diz respeito ao item supracitado, cabe destacar que o Brasil apresenta lutas que emergiram de povos indígenas e africanos, tais como Aipenkuít, Idjassú, Luta Marajoara, Maculelê, Capoeira e a Huka-huka, foco do presente estudo.

### Origem, história, aspectos culturais e sociais da Huka-huka

A Huka-huka tem sua origem na região Centro-Oeste brasileira, especificamente no estado do Mato Grosso (MT), na região de Paranatinga, mais precisamente nas terras Indígenas Bakairi<sup>1</sup>, Santana e do Xingu. A Terra Indígena Santana está localizada no município de Nobres, tendo seu nome originário de um afluente do Rio Novo, o qual desenha parte dos seus limites. Já a Terra Bakairi localiza-se em sua maioria no município de Paranatinga, à margem direita do rio Paranatinga, afluente do Tapajós.

<sup>1</sup> Localizada nos municípios de Paranatinga e Planalto da Serra, estado do Mato Grosso (MT), a Terra Indígena Bakairi está regularizada desde 1920 e possui 61.405 hectares. Seus habitantes, os Bakairi, se autodenominam “Kurá” que significa gente de verdade ou ser humano. A população Bakairi é de 620 pessoas, distribuídas em 10 aldeias: Alto Ramalho, Aturua, Cabeceira do Azul, Kaihaoalo, Paikum, Pakuera, Swôpa, Akiety, Kuiuakware e Yahodo. Os Bakairi também vivem na Terra Indígena Santana, que se localiza no município de Nobres (MT) (FLORES et al., 2016).

A outra parte dela pertence ao município de Planalto da Serra, à margem esquerda do referido rio. E o Xingu localiza-se na região nordeste do Estado do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira (TAUKANE, 2013).

Toda essa faixa de terra engloba diversas etnias, tais como: Bakairi, Aweti, Kalapalo, Kamaiurá, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nafukuá, Naruvôtu, Waurá e Yawalapiti. A Huka-huka faz parte do cotidiano destes povos, tendo na sua prática rituais que envolvem o corpo e a alma de seus praticantes, englobando filosofia e religião. O auge da manifestação do Huka-huka em tais localidades ocorre no Quarup<sup>2</sup>, que é uma cerimônia de homenagem aos mortos ilustres, feita pelos povos indígenas da região do Xingu (ISA, 2011).

Não obstante o nome Huka-huka faz alusão ao som dos lutadores imitando os esturros da onça (MADEIRA, 2006). Para se tornar um lutador de Huka-huka o jovem, de ambos os sexos, precisa passar por um processo de reclusão. Inicialmente, o indivíduo é orientado e recordado pelo pai sobre a importância da reclusão para sua vida e como ele deve se comportar quando chegar tal momento. Acredita-se que o momento da reclusão ajuda a construir a personalidade do jovem, e o torna um bom lutador (TAVARES, 1994; VITTI; JUNQUEIRA, 2009).

A reclusão se inicia com a chegada dos sinais da puberdade, observada através da mudança de voz e crescimento dos órgãos genitais. A partir de então ocorre o preparo dos lutadores, de ambos os sexos, muito cedo, a partir dos doze anos de idade, durando aproximadamente seis anos, período no qual o indígena é preparado espiritualmente e fisicamente para os futuros combates. Os treinos são diários e direcionam-se para o aprimoramento da técnica, o desenvolvimento da força física, bem como a aprendizagem da mitologia e história da Huka-huka (VITTI; JUNQUEIRA, 2015).

Para além do desenvolvimento da técnica, o praticante de Huka-huka é submetido a diversas regras sociais a fim de entender como se portar na vida em sociedade. Não é permitido que o jovem consuma alimentos de fora da aldeia, e a dieta envolve a ingestão de ervas e chás, tais como: Kumanaum (força), Lepotisin (para recuperar-se de torções e luxações), Yepoan (ganhar peso), Amuniyw e Tiranu (cicatrização), Moitesen (ganhar peso e força), Timon (retardar o cansaço), Morototoup com Morototouvi (para tortura) (TAVARES, 1994; VITTI; JUNQUEIRA, 2009; VITTI; JUNQUEIRA, 2015). De acordo com a erva ingerida, o guerreiro irá representar-se como “dono” desta nas lutas, reconhecido pela pintura corporal, por exemplo, se vier de um cipó, representará a sucuri<sup>3</sup>, se for de uma pedra, irá representar a onça (LIMA, 2006).

Outro ritual de fortalecimento do corpo é a “arranhadura”, no qual os indígenas acreditam ser capaz de dar força, hipertrofia muscular, resistência e disposição física ao iniciado. Nesta prática, o lutador é arranhado por um instrumento feito de “cabaça” com dentes de “peixe – cachorra”<sup>4</sup> (DOS SANTOS, 1956). Esse utensílio é passado profundamente nos músculos dos braços, antebraços,

<sup>2</sup> A festa máxima dos índios xinguanos é a do Quarup ou Kuarup, a única grande festa religiosa realizada na região do Xingu, comemoração de tristeza e pesar (DOS SANTOS, 1956).

<sup>3</sup> “Serpente de porte avantajado, do gênero Eunectes murinus, sendo famosas por ingerirem regularmente presas grandes como capivaras” (FRAGA, pág. 37, 2013).

<sup>4</sup> Rhapsiodon vulpinus – Peixe Cachorra – Falcão, timologia: Rhapsiodon (grego rhamphos) = agulha + odous (grego) que significa dentes. Vulpinus (latim) que significa raposa (RECHI, 2016).

costas, coxas, pernas e peito, provocando um intenso sangramento, e logo após, é aplicado um extrato de Timbó<sup>5</sup> (cicatrizante, coagulante e anti-inflamatório) (JACOBSON, 1985). Os reclusos ainda estavam submetidos a proibição de atos sexuais, pois, segundo a crença indígena, isto torna o corpo e a alma impuros, deixando os praticantes fracos e doentes (JUNQUEIRA; PAGLIARO, 2009).

Quando o praticante atinge aproximadamente seis anos de reclusão e está prestes a completar 18 anos, ele é submetido a um processo de seleção em sua aldeia para verificar se ele está pronto para participar como lutador no Festival anual do Quarup, que ocorre uma vez por ano, entre julho e setembro, na estação das secas, em cada aldeia da região (VITTI; JUNQUEIRA, 2009).

Nessa festa religiosa, que dura dois dias, um mosaico de etnias locais é reunido, sendo que uma aldeia convida membros de outra tribo para participar do evento. As homenagens são direcionadas aos mortos da etnia anfitriã e, além disso, ocorre a cerimônia de passagem dos jovens para a fase adulta. Durante esses dias, as populações indígenas interagem intimamente, rezando e chorando pelos mortos. Os povos indígenas do Xingu se despedem de seus mortos em um ritual de encerramento do luto, pois, de acordo com suas crenças “os mortos não gostam de ver os vivos tristes” (DOS SANTOS, 1956).

A noite cai e os homens pintados realizam a dança do fogo, entoando cânticos até o Pajé realizar a evocação de Tupã<sup>6</sup>, solicitando a ressurreição dos mortos. Com isso a dança termina e só ficam as mulheres com o pajé até o amanhecer realizando cânticos, lamentações e rezas. Durante a noite, ainda, os homens não dormem, inclusive os lutadores de Huka-huka, que acreditam que se dormirem poderão estar fracos e ter uma luta ruim no dia. No entanto, os praticantes de Huka-huka continuam tomando ervas para limpar o corpo, realizando as arranhaduras, passando até pimenta nas feridas para mostrarem resistência a dor e serem complacentes com os mortos (DOS SANTOS, 1956).

Quando chega a manhã, os participantes tomam um banho coletivo, o qual simboliza o fim do luto. A partir daí, acredita-se que a vida renasce, e os lutadores carregando varas verdes que simbolizam os nascimentos ocorridos na aldeia, agradecendo aos espíritos por essa prosperidade (DOS SANTOS, 1956). Em sequência, inicia-se a cerimônia de luta Huka-huka, que busca testar a força, saúde e a virilidade dos jovens. Segundo Vitti e Junqueira (2009, p.134) “o embate no Huka-huka é o ponto alto do Quarup, e, para a maioria das pessoas, o seu principal foco de interesse, com a possível exceção dos familiares mais próximos da pessoa falecida”.

A organização dos embates ocorre da seguinte forma: os caciques, juntamente com os seus lutadores, formam um círculo no centro da aldeia, onde ocorrerão as lutas. O cacique anfitrião e seus lutadores ficam ao centro e se posicionam separados para receberem seus oponentes ajoelhados. Os rivais chegam com seus caciques, os quais apresentam seus lutadores, e esses se perfilam esperando serem chamados para o duelo pelos guerreiros anfitriões (DOS SANTOS, 1956).

Após os combates, os Kuarups são levados ao rio, como uma procissão, a fim de que quando os entregar às águas, os mortos transcendam para outro mundo, e com isso finaliza-se a festividade (DOS SANTOS, 1956). Além deste festejo, há também a festividade de Yamurikumã<sup>7</sup>, quando as mulheres dominam a aldeia - uma espécie de empoderamento feminino das aldeias - na estação seca, entre julho, agosto e setembro (VILLAS BÔAS, 2002).

Essa festa tem origem de diversos contos e há variações entre as aldeias. Tarantino (2015, p. 1) relata o depoimento da indígena xinguana Kuiaiu Yamalapiti, sobre a origem desta festividade, diz:

“Conta-se entre os povos do Alto Xingu que certo dia os homens de uma aldeia foram pescar para festejar um menino que se tornaria adulto e, futuramente, um líder, eles planejavam ficar três dias fora. O garoto, que permaneceu na aldeia, foi espiar o acampamento dos homens e descobriu que eles estavam se transformando em onças, antas e porcos do mato. Voltou correndo e contou à mãe, que chamou as outras mulheres para o pátio da aldeia e avisou que os maridos não voltariam mais. Elas fizeram então a própria festa: dançaram, cantaram e chamaram mulheres de todos os outros povos xinguanos. Após a festa, elas haviam se transformado em Yamurikumalu, na versão do povo kalapalo, mulheres independentes e guerreiras que não precisavam mais dos homens, pois sabiam pescar, caçar e construir casas”.

Tal celebração é uma forma de valorização das guerreiras do Alto Xingu, pois, nesse período, elas dominam a aldeia e realizam atividades que são exclusivamente masculinas, ameaçando aqueles que não realizarem seus deveres. Além disso, efetuam pinturas corporais, cantam canções masculinas, usam adereços como cocares de penas e executam atividades recreativas que simulam estarem batendo nos homens e lutam a Huka-huka (TARANTINO, 2015).

Segundo Carvalho e Maciel (2019) antes da festividade, as mulheres também ficam reclusas, como os homens, porém aprendem artesanato, culinária e tecelagem. Tais atividades são desenvolvidas a fim de preparar as jovens a vida adulta, as quais irão desempenhar a função de mães e esposas, bem como para se proteger do rapto de aldeias rivais (MADEIRA, 2006).

O tempo dessa proibição varia e quem determina é o pai, ocorrendo geralmente após a primeira menstruação da menina. A duração da reclusão é de um ano, no qual a jovem não corta a sua franja para que esta cresça até cobrir-lhe o rosto, impedindo que indivíduos fora da família lhe olhem diretamente nos olhos. Terminado o tempo de reclusão, que coincide com a estação das secas e consequentemente com o Quarup e a festividade de Yamurikumã, a jovem passa para a vida adulta, estando pronta para casar-se (MADEIRA, 2006).

Depois que ocorrem as lutas de Huka-huka, nos dois festivais, ocorrem a colocação do uluri nas meninas púberes, um símbolo do status de mulher adulta, que é um triângulo feito de entrecasca de árvore, com lados de aproximadamente 5,5 cm e 2 cm de altura, de cujo vértice fica voltado para baixo, pendente por um cordel perineal - uma espécie de cinto de castidade indígena. A colocação do uluri pode ocorrer no fim da festividade e durar até o casamento com essas mais novas mulheres da aldeia (COSTA, 2009).

<sup>5</sup> Tingui - Timbó do Cerrado -- *Magonia pubescens* A. St. Hil. - Sapindaceae (ALMEIDA, et al., 1998).

<sup>6</sup> Deus do Bem.

<sup>7</sup> Ritual feminino.

## Organização, Regras, Vestimentas e Golpes

**Organização:** Ocorre uma seleção dentro das aldeias, nomeando-se aproximadamente dez guerreiros que irão representá-las no Quarup. A equipe é sempre conduzida pelo cacique da respectiva aldeia. Os combates ocorrem no centro das aldeias, dentro de um círculo formado por integrantes das diversas etnias, no segundo dia do festival (BRAGANÇA, 1978).

Os guerreiros das aldeias visitantes são apresentados por seus caciques e permanecem em linha, na frente dos combatentes da aldeia anfitriã. O cacique anfitrião organiza seus guerreiros no centro do círculo humano, em lugares separados, e esses lutadores chamam os seus desafiantes para a luta. Toda a luta é observada por um indivíduo da tribo anfitriã. No entorno dessa área, fora do círculo humano, lutadores menos conhecidos e crianças também praticam o Huka-huka, porém sem valor estimado (SOUSA, 2012).

Uma curiosidade interessante desta luta é que os praticantes não esperam o término do combate de um par para dar início a outro. Diversos pares se enfrentam em meio a muita poeira, grande torcida, principalmente pelas mulheres, expressando gritos e expectativas em seus representantes (GALEAZZI; 1981).

**Regras:** A luta se inicia com o lutador anfitrião escolhendo o seu oponente, que fica de pé quando este se aproxima. Os dois começam a girar em círculos se aproximando fazendo o barulho de onça. Quando bem próximos, ambos, se dão a mão direita, e a mão esquerda segura o pescoço do respectivo oponente (Figura 2). Neste momento se inicia o combate. As lutas não passam de dois minutos (GALEAZZI; 1981; FELIPE, 2019; PAIVA, 2021).

Não existe uma pontuação, e para vencer a luta é necessário: a) derrubar o oponente de decúbito dorsal ou ventral; ou; b) levá-lo totalmente do chão; ou c) um dos guerreiros manifestar desistência; ou d) quando segura atrás de um ou dos dois joelhos do oponente 3 e 5 segundos; ou e) quando dominar as costas do oponente, por cima, fazendo com que este fique com as mãos e os joelhos no chão.



**Figura 2.** Posição inicial de luta.  
Foto: Ana Lúcia Gonçalves - AGÊNCIA ENVOLVERDE (2013).

Os empates ocorrem nos seguintes casos: os dois lutadores perdem o contato um do outro; há uma desistência dupla; algum lutador se lesiona. Não há chaves de lutas, prêmios e nem ranqueamento. Entretanto, apresenta-se uma valorização social do guerreiro vencedor, o qual passa a ser respeitado por sua vitória e, conseqüentemente, a sua aldeia fica reconhecida como exemplo de força e saúde social (COSTA, 2013; PAIVA, 2021).

**Golpes:** A Huka-huka é uma luta de agarramento (*grappling*<sup>8</sup>), parecida com a luta greco romana ou *wrestling* e possui quedas similares como: *firemans carry*, *bodylock*, *bear hug*, *double leg*, *single leg*, *suplex*, *lateral drop*, *arm spin*, *flyng mare*, *shouder throw*, *colar elbow*, *pinch headlock*, *lifting*, *cross buttock*, *standing arm roll*, entre outras (MARTELL, 1993; THOMPSON, 2001).

As pegadas e movimentos de esquiva e domínio das costas também são similares (Figura 3 e 4).



**Figura 3.** Lutadora aplicando golpe estilo *single leg* na sua adversária.  
Fonte: EBC (2015).



**Figura 4.** Lutador aplicando um golpe estilo *suplex* no seu adversário.  
Fonte: CORREIO BRAZILIENSE (2012).

<sup>8</sup> Estilo de luta baseado na aplicação de técnicas de contato próximo entre dois lutadores, com o objetivo de provocar dor, finalizar, submeter ou simplesmente ganhar uma posição mais vantajosa em relação ao oponente. Inclui projeções, estrangulamentos, chaves e outras manobras de domínio de um adversário feitas através do agarramento (THOMPSON, 2001).

Durante o combate não podem ocorrer golpes como soco, chute, joelhadas, cotoveladas, cabeçadas e chaves de articulações (cotovelos, joelhos, cervical, punho, entre outras). Também se proíbe dedo no olho, mordidas e agarrar os cabelos.

**Vestimentas:** Os lutadores ficam nus e se ornamentam com braçadeiras e cinturões enfeitados com miçangas. Alguns colocam até uma ave pendurada na parte de trás do cinturão como o Xexéu<sup>9</sup> (GALEAZZI, 1981).

Outra característica são as pinturas no corpo todo, as quais são feitas com urucum<sup>10</sup>, calcário<sup>11</sup> de rio e carvão, caracterizando-se animais como: felinos, lobo, raposa, aves, peixes e cobras. Usam-se também joelheiras e cotoveleiras feitas de cipó e buriti<sup>12</sup>, muitos praticantes utilizam materiais industrializados como algodão e esparadrapo, ou ainda cotoveleiras, joelheiras e meias de confecção. O óleo de pequi é usado para lubrificar o corpo e dificultar a pegada do oponente (GALEAZZI, 1981).

**Evolução:** No final do século XX, acompanhando as inúmeras mudanças históricas, a Huka-huka começa a migrar também para parte esportiva. No ano de 1996, na cidade de Goiânia (GO), ocorreu o primeiro evento esportivo indígena de nível nacional, que foi denominado de I Jogos dos Povos Indígenas, realizado pelo Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena e apoiado pelo Ministério do Esporte do Brasil. Esse evento contou com aproximadamente 29 etnias e cerca de 400 atletas. Foram disputadas diversas modalidades, como o futebol, voleibol, atletismo, natação, canoagem, arco e flecha, arremesso de lança, demonstrações de lutas e a corrida de tora (ALMEIDA; COSTA, 2012).

De acordo com os registros históricos sobre os Jogos dos Povos Indígenas disponibilizados no site da Secretaria Especial do Esporte do Brasil, observou-se que já foram realizadas 13 edições desses jogos. A Huka-huka esteve presente como uma das modalidades de luta, tanto na categoria feminina como masculina. Cabe destacar ainda que esta luta faz parte do quadro de modalidades desde a primeira edição dos Jogos Mundiais dos Povos Indígenas que ocorreu na cidade de Palmas, no estado do Tocantins, em 2015 (BRASIL, 2015).

Desta forma, é possível observar a crescente polarização e valorização mesmo que tardia dos jogos indígenas pelo poder público, desvinculando o evento dos rituais, promovendo a pluralidade cultural de diversas etnias e mostrando aos "brancos" a cultura indígena e suas práticas corporais (FERREIRA, 2006; GRUPPI 2013).

## CONCLUSÃO

As características gerais de regramento, costumes e organização da luta Huka-huka podem ser encontradas em bibliografias clássicas e em poucos artigos científicos. Observou-se nas publicações analisadas que os praticantes de Huka-huka possuem uma preparação específica antes dos combates, ainda muito jovens, com a vivência de um

<sup>9</sup> É uma ave, conhecida na região Norte e Centro-oeste do País como japiim, japiim-xexéu (MACEDO; COHN-HAFT, 2012).

<sup>10</sup> O urucum (Bixa orellana) é um corante natural pertence à família botânica Bixaceae, a palavra "urucu" é originária do tupi uru-ku, que significa "vermelho" (CASTRO, 2009).

<sup>11</sup> Rochas sedimentares compostas, basicamente, por calcita (CaCO<sub>3</sub>), e está é a responsável pela cor branca do minério (SAMPAIO, 2008).

<sup>12</sup> O buriti é uma palmeira monocaule, dióica, tem 2,8 a 35 m de altura e caule liso medindo de 23 a 50 cm de diâmetro (FERREIRA, 2005).

conjunto de técnicas e treinamentos tradicionais, concomitantemente, acompanham costumes indígenas no que se refere a alimentação, cuidado com o corpo, sexualidade e rituais religiosos. Tais características remetem que a Huka-huka dificilmente percorrerá um processo de esportivização amplamente difundido na sociedade.

Não obstante, a sua aplicação na escola demanda simples organização, sendo possível a utilização de espaço improvisado e materiais alternativos, bem como, realizar atividades de cunho teórico e simbólico representando o ritual Quarup. Portanto, acredita-se que os achados da presente pesquisa poderão oferecer subsídios teóricos para professores que atuam na educação básica planejarem e organizarem suas aulas no desenvolvimento didático-pedagógico da luta Huka-huka, em consonância com a BNCC.

O presente estudo demonstra limitações: a escassez de publicações científicas e documentos oficiais sobre o objeto pesquisado pode ter causado a apresentação de resultados suprimidos. Porém, com os achados investigados na literatura é possível afirmar que a Huka-huka tem alto índice de participação e envolvimento da comunidade indígena, e pode ser compreendida como um espetáculo. Destaca-se a necessidade de efetuar futuras investigações empíricas a respeito dessa temática e difundir sua importância científica e social, com a finalidade de ampliar as discussões e o acervo teórico sobre essa luta de matriz indígena.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a dedicação e contribuição dos autores para a realização deste estudo.

## CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. A.; COSTA, A. M. R. F. M. Integração e divulgação de culturas: integração e divulgação de culturas. *Connectionline*, Várzea Grande, v. 1, n. 8, p. 47-57, 2012. DOI: <[10.18312/connectionline.v0i8.97](https://doi.org/10.18312/connectionline.v0i8.97)>.

ALMEIDA, S. P.; PROENÇA, C. E. B.; SANO, S. M.; RIBEIRO, J. F. Embrapa. *Cerrado*: espécies vegetais úteis. 1998. Disponível em: <<http://www.floresdo-cerrado.fot.br/pantanal/f51.htm>>. Acessado em: 10 de setembro de 2020.

BOEHL, W. R.; LIMA, L. S.; FONSECA, D. G. (In)Justificativas e (im)possibilidades do professor de educação física em adotar as lutas como unidade temática. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 69-77. 2018. DOI: <<https://doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p69>>.

BRAGANÇA, J. Revista geografia universal. *As lições dos índios do Xingu*. Instituto Socioambiental, 1978. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/index.php/acervo/noticias/licoes-dos-indios-do-xingu>>. Acessado em: 22 de setembro de 2020.

BRASIL. Ministério da cidadania. Secretaria dos esportes. *XII Jogos Mundiais dos Povos Indígenas*. 2015. Disponível em: <<http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/53719-perguntas-e-respostas-conheca-os-jogos-mundiais-dos-povos-indigenas#>>. Acessado em: 10 de setembro de 2020.

- CARVALHO, V. M.; MACIEL, L. C. O quê e o como aprender: as crianças kalapalo e algumas problematizações em torno do conhecimento. *Revista de antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 101-22, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.52426/rau.v11i1.276>>.
- CASTRO, C. B.; MARTINS, C. S.; FALES, I. C.; NAZARÉ, R. F. R.; KATO, O. R.; BENCHIMOL, R. L.; MAUES, M. M. Embrapa Amazônia Oriental. *A cultura do urucum*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2009. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/428270/a-cultura-do-urucum>>. Acessado em: 16 de outubro de 2021.
- COSTA, A. R. F. M. *Portal Matogrosso*, Uluri. 2009. Disponível em: <<https://portalmatogrosso.com.br/uluri/>>. Acessado em: 23 de junho de 2021.
- COSTA, C. *Ikindene Hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. 2013. 350f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/233>>. Acesso em 20 de Abril de 2022.
- FELIPE, D. *Luta corporal indígena: possibilidades pedagógicas do Huka-huka nas aulas de Educação Física*. 2019. 96f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) - Faculdade de Vale do Cricaré, São Mateus, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ivic.br/handle/123456789/1030>>. Acessado em: 20 de Abril de 2022.
- FERREIRA, M. das G. R. Embrapa. *Buriti*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2005. Disponível em: <<https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/24785/1/folder-buriti.pdf>>. Acessado em: 10 de setembro de 2020.
- FERREIRA, M. B. R. O processo de mudanças na sociedade e os jogos tradicionais indígenas. In: XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa, 2006. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo. Disponível em: <[http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/15\\_Anais\\_p50.pdf](http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/15_Anais_p50.pdf)>. Acessado em: 17 de setembro de 2020.
- FLORES, L. P.; MACIAL, M. R. A.; DE ALMEIDA, CAMPOS, S. Núcleo Regional Amazônia/Cerrado A experiência do Projeto GATI em terras indígenas. *Projeto gestão ambiental e territorial indígena*, 2016. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/arquivos/conteudo/cggam/pdf/2017/sistematizacao-nucleo-tematico/nucleo-regional-amazonia-cerrado.pdf>>. Acessado em: 27 de junho de 2021.
- FRAGA, R.; LIMA, A. P.; PRUDENTE, A. L. C.; MAGNUSSON, W. *Guia de cobras da região de Manaus - Amazônia Central*. Manaus: Inpa, 2013.
- FURTADO, H. L. NAMAN, M. Formação do pesquisador em Educação Física: Análises Epistemológicas. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 751-65, 2014. DOI: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v17i3.26504>>.
- GALEAZZI, A. M. *Revista Geográfica Universal. Huka-huka: A luta pelo prestígio*. Fundação Nacional do Índio, 1981. Disponível em: <<http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto28b/FO-CX-28B-1772-1995.PDF>>. Acessado em: 20 de abril de 2022.
- GRUPPI, J. D. R. *Jogos dos Povos Indígenas: trajetória e Interlocuções*. 2013. 164f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <<https://fdocumentos.tips/document/deoclecio-rocco-gruppi-jogos-dos-povos-9-gruppi-deoclecio-rocco-jogos.html>>. Acessado em: 17 de outubro de 2021.
- ISA. Instituto Socioambiental. *Almanaque Socioambiental - Parque Indígena do Xingu: 50 anos*. Instituto Socioambiental, 2011. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/almanaque-socioambiental-parque-indigena-do-xingu-50-anos-0>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.
- JACOBSON, M. L. Acervo Instituto Socioambiental (ISA). *Quarup / Na "festa dos mortos", os pedidos do Xingu / Somos livres e felizes*. Instituto Socioambiental, 1985. Disponível em: <[https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia/17525\\_20101123\\_173448.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/17525_20101123_173448.pdf)>. Acessado em: 17 de setembro de 2020.
- KUNZ, E. *Didática da educação física*. 6. ed. Unijuí: Ijuí, 2004.
- LIMA, M. S. *A cultura corporal indígena Kalapalo*. 2006. 103f. Iniciação científica (Relatório PIBIC-UFSCar/CNPq) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <<https://old.cev.org.br/arquivo/biblioteca/4032274.pdf>>. Acessado em: 17 de outubro de 2021.
- MACEDO, T. I.; COHN-HAFT, M. *Aves da região de Manaus*. Manaus: Inpa, 2012.
- MADEIRA, S. P. Ritual de iniciação no Alto Xingu: a reclusão feminina Kamayurá. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 40, p. 403-21, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/17661>>.
- MARTELL, W. A. *Greco-roman wrestling*. Pleasant Hill: Human Kinetics Publishers, 1993.
- MONTEIRO, F. Y. S. A Capoeira e o Huka-Huka nas aulas de educação física: diálogos sobre uma escola plural através das lutas de matriz africana e indígena. *Revista Conexões de Saberes*: Belém, v. 3, n. 1, p. 101-14, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/conexoesdesaberes/article/view/7892/5798>>.
- NUNES, H. C. B. Lutas e artes marciais: possibilidades pedagógicas na educação física escolar. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Revista Digital, Buenos Aires, v. 18, n. 183, 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd183/lutas-e-artes-marciais-na-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acessado em: 10 de dezembro de 2021.
- JUNQUEIRA, C.; PAGLIARO, H. O saber Kamaiurá sobre a saúde do corpo. *Caderno CRH*, Salvador, v. 22, n. 57, p. 451-62, 2009. DOI: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792009000300002>>.
- PAIVA, L.; DE VARGAS, F. M. F.; JUSTAMAND, M.; MOUSSE, C.; PAIVA, L. Luta corporal indígena: contribuições à Base Nacional Comum Curricular (Bncc). *Somanlu*, Manaus, v. 2, n. 2, p. 55-63, 2021. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/9359>>. Acessado em: 20 de abril de 2022.
- PAIXÃO, J. A.; CUSTÓDIO, G. C. C.; BARROSO, Y. W. S. Atuação de licenciados em educação física nas academias de ginástica: uma análise a partir dos saberes docentes. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 701-717, 2014. DOI: <<https://doi.org/10.5216/rpp.v17i3.29598>>.
- RECHI, E. *Aquarismo Paulista*. Cachorra Fação (Rhaphiodon vulpinus). Aquarismo Paulista, 2016. Disponível em: <<http://www.aquarismopaulista.com/cachorra-rhaphiodon-vulpinus/>>. Acessado em: 15 de setembro de 2020.
- RIBEIRO, M. I. F. *A Terminologia do combate na tradução literária em The Professor in the Cage, de Jonathan Gottschall*. 2016. 175f. Dissertação (Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas) - Instituto Politécnico do Porto, Porto, 2016. Disponível em: <<https://recipp.ipp.pt/handle/10400.22/9667>>. Acessado em: 17 de setembro de 2020.
- SAMPAIO, J. A.; ALMEIDA, S. L. M. Calcário e dolomito. In: AUTORES??? *Rochas e Minerais Industriais no Brasil: usos e especificações*. Rio de Janeiro: Centro de tecnologia mineral - Ministério da Ciência e Tecnologia, 2008. p. 363-87.
- SANTOS, M. A. R.; BRANDÃO, P. P. S. Lutas e a formação de professores de educação física: reflexos na atuação profissional de docentes da rede municipal de educação de Belém - PA. *Caderno de Educação Física e Esporte*, Marechal Cândido Rondon, v. 16, n. 1, p. 79-87, 2018. DOI: <<https://doi.org/10.36453/2318-5104.2018.v16.n1.p79>>.
- DOS SANTOS, Y. L. dos. A festa do Kuarup entre os índios do Alto-Xingu. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 111-6, 1956. DOI: <<https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1956.110338>>.
- SOUSA, A. J. D. V. *As lutas como proposta pedagógica na educação física escolar*. 2012. 25f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012. Disponível em: <<https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/938/1/PDF%20-%20Ant%3%b4nio%20Jos%3%a9%20Dami%3%a3o%20Veras%20Souza.pdf>>. Acessado em: 20 de junho de 2021.
- TARANTINO, M. Acervo Instituto Socioambiental (ISA). *O dia em que elas tomam o poder*. Instituto Socioambiental, 2015. Disponível em: <<https://acervo.socioambiental.org/acervo/noticias/o-dia-em-que-elasm-tomam-o-poder>>. Acessado em: 17 de setembro de 2020.
- TAUKANE, I. T. C. *Na trilha das pekobaym guerreiras kura-bakairi: de mulheres árvores ao associativismo do instituto yukamaniru*. 2013. 90f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13394>>. Acessado em: 15 de agosto de 2020.
- TAVARES, S. C. *A reclusão pubertária no Kamayurá de Ipawu: um enfoque biocultural*. 1994. 168f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/79860>>. Acessado em: 19 de setembro de 2020.

THOMPSON, G. *The throws and take downs of greco roman wrestling*. Chichester: Summersdale Publishers, 2001.

VILLAS BÓAS, A. *Acervo Instituto Socioambiental (ISA). Xingu*. Instituto Socioambiental, 2002. Disponível em <<https://pjb.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>>. Acessado em: 18 de setembro de 2020.

VITTI, V. T. *Fecundidade e saúde reprodutiva do povo Kamaiurá*. 2015. 217f. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em: <<https://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/bitstream/bvs/780/2/382383646.pdf>>. Acessado em: 17 de outubro de 2020>.

VITTI, V. T.; JUNQUEIRA, C. O Kwaryp Kamaiurá na aldeia de Ipavu. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 23, n. 65, p. 133-48. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10443>>.

## ORCID E E-MAIL DOS AUTORES

**Francisco Luís Auricélio Valente**

 <https://orcid.org/0000-0002-4151-3772>

 valentte@bol.com.br

**Jean Carlos de Goveia (Autor Correspondente)**

 <https://orcid.org/0000-0002-6739-4839>

 jeangoveia@hotmail.com

**Guilherme Moreira Caetano Pinto**

 <https://orcid.org/0000-0002-1971-6637>

 prof.guilhermecaetano@gmail.co

**Leandro Martinez Vargas**

 <https://orcid.org/0000-0001-7324-4450>

 lmvargas@uepg.br